

CONVERSA ALTA EM CAMPO DE BATALHA

SUSPENSÃO, ESPESSURA, UM FILHO (?) E FOCO

FABIOLA ROSA
2006/2021

te procuro

impossível

Primeiro os desenhos explicando como se faz o avião de papel. Depois, uma folha no tamanho preciso com serrilhados para serem destacados: armamentos.

devolutivas

réplicas

deslocamentos

o outro não estará lá

ameaça

é preciso existir o conflito

me perfura você

Acordou num quarto escuro onde conseguia ouvir algo líquido, talvez o tempo passando. Em sua mão, enrolada com uma fita crepe, uma caixa de fósforos. Estava sem roupas, não ventava. Riscou um palito, outro, mais outros e muitos... O último acendeu.

Qual é o seu menor problema?

lado de dentro

Pensei estar a salvo mas as luzes ainda estavam apagadas e eu podia sentir na sola dos pés que me encontrava numa fronteira.

Talvez do outro lado fosse muito fundo e as leis fossem outras. Esperei a luz voltar. Decisão medida em milímetros.

O sol agora esquentava o pelo e o devaneio. Tenho tamanho médio e calço 37 (e meio).

Começo a ficar disforme, ainda estou na beira. O exageiro acompanha pensamentos.

lado de fora

Talvez por coincidência todas as mulheres dali resolveram não ter filhos. Não queriam se deparar com o sangue e com o nascimento. Se encontravam para falar a respeito da vida e teorizavam sobre dar a luz.

Continuaram cuidando de todas as crianças já amadas, geradas, mas sem produzir leite. Não eram mamáveis. Estavam ao lado e um pouco longe.

Esse lugar se organizava em círculos. No centro uma fogueira, um assunto ou uma coisa pequena perdida. As cores eram da terra, de terra. Muita água turva naquele ano e pele seca mas os peixes ainda estavam lá. Comia-se mantimentos que chegavam caindo do céu, dos aviões.

Nenhuma pessoa chegou e ninguém deixou o lugar. Estavam em suspenso.

a teta da vaca flutua para o bezerro

As camas onde deitam os corpos
A festa onde brincam os corpos
O caminhão onde jogaram os corpos

olho em compota
envolvido por pálpebras moles
umidade

o volume que aguenta: 1 gota

se não cabe

cai

e pode escurecer,
fechar, descansar, guardar.

Embaixo de todas as coisas existe um deserto.

Um pedestre
olha para o topo dos prédios
tropeça na geometria
intervenção: sirene.

Olha para dentro
o semáforo fecha
líquido escorre.

Uma pessoa passa
tombam e seguem
andando lentamente.

Listras no chão e grades
uma sacola de plástico voa
e atravessa a avenida

Repara na fachada da casa
protesto
anda mais rápido

tenta encontrar
encontra e segue adiante
mais ainda
e se preocupa.

LISTA DA SEMANA

ir ao supermercado
pagar a conta de luz
levar filho ao pediatra
molhar as plantas
limpar os armários da cozinha
reunião importante de trabalho na quinta
preparar texto
fazer matrícula da escola
passar na farmácia

LISTA DA SEMANA

comprar munição
varrer aquilo para debaixo do tapete
queimar floresta
omitir
passar por cima
guardar o dinheiro nas nadegas
asfixiar

Um avião desenhado de lápis grafite 2B sobre papel no canto superior direito da página. Pousa na diagonal oposta. A página dobra.

Quando abre não há mais desenho.

primeiro plano:
conversava contigo
no meio de uma pequena multidão
dentro do ônibus.
olhando para dentro de você
e o entorno em simultaneidade ruidosa

a conversa ia longe para outros lugares
para seus conflitos em casa
a cozinha de azulejos

e voltava
para a blusa vermelha de alguém mais adiante
e a mulher avermelhava
(o resto era enquadramento móvel)

mais adiante um conhecido acena depois do vidro
ponto fixo
e a gente continua

algum universo codificável.
alguém leva um tiro
uma criança se move
todos os olhares para um único.
o universo se resume.
concentra.

concreto.

seguimos novamente
arranhados.

cimento e o rio daquela cidade

tentavam nadar os possíveis peixes
rio comprimido sem água
seco
plástico

passava o tempo de forma densa
passava o tempo de forma densa

era possível se apoiar em certas coisas
lâmpadas, cercas elétricas e parapeitos

Em suas sinuosidades guardadas
Em seus desejos alcoólicos
Em suas desvantagens

Revelava aos poucos

ponto de partida

conflito que se cobre com roupa de festa:
me visto para te ver em curvas.

Demoro diante da porta, escudo da barricada.
Poderia simplesmente não ir, ou não voltar.

vou. caminho.
construo imagens
nos vãos suspensos entre cada passo.
atravesso uma porção de portas,
possas, texturas e palavras.
Esqueço as chaves,
volto e decido tomar um café.
O ônibus não passa.
Não tenho como te avisar.
e gostaria.

ansiosa passiva
observo a rua,
as pessoas da rua

decido encontrar um telefone
mas nenhum disponível
acabo demorando mais
eu rua vazia

volto ao ponto de ônibus
e caminho na direção desejada.
não consigo esperar parada.
vou até o próximo ponto de ônibus.

perfeito, o ônibus passa.
Mas eu estava pequena na paisagem,
o motorista me não viu e passou reto.
reservado. reservada.

vou para uma outra rua tentar a sorte.
estranho, não tem ninguém aqui.
falar sozinha faz barulho
e o som dos passos chegam a incomodar.

a luz começa a mudar
não sei se vou realmente
estou cansada também.

consigo uma carona.
faz tanto tempo que falei que ia.
de qualquer forma, cheguei.
paro: será que vale a pena bater na porta?

você nem sabe que eu resolvi te visitar
 não hoje.

toco a campainha
olho para o chão
para a dobradiça da porta
para meus sapatos e a beira da calçada

a cor da casa mudou
vejo uma sombra dentro:
silhueta de gente pequena

resolvo assobiar.
a campainha talvez não esteja funcionando
assobio e o som vai
dentro da casa
e da sua orelha
te toco antes de te ver.

a casa começa a se movimentar
passos em direção à porta.
há mais que uma pessoa
e antes era você só.

fico com medo novamente
e olho mais uma vez para dobradiça
(agora em movimento)
e de canto vejo que é a sua mão,
já diferente, que abre o portão.
me apoio no ponto fixo da dobradiça
me conforto em algum equilíbrio.

uma lágrima,
que bom que foi no olho que estava escondido,
eu estava de perfil.
sequei como se estivesse me escondendo do sol.
virei o rosto para me proteger
e para me projetar.

da dobradiça meu olho encontrou o seu
num perfeito encaixe
sem dúvidas
Alí ficou por um tempo.
Me sentí contínua.

uma criança
a pequena silhueta
era seu filho, miniatura de você.

blá, blá, blá

A página do livro foi semi virada
e parou suspensa,
90 graus.

Foi destacada.

A personagem da página 5 enfim
encontrou o amor que estava
do outro lado do relato.

O livro foi serrado.

Se deitou sobre ele diretamente
e no escuro.

uma mulher entra e pede-lhe que
lamba as palmas de suas mãos esticadas para frente
olha
ela pede
trazendo as mãos
para perto do umbigo
que agora
lambesse sua barriga
em linha reta
precisa e descendente
e seguisse
de modo
a dar volta pelo corpo
dividindo-a ao meio
devagar
numa lambida contínua
que deslizaria em direção
ao sexo
e seguiria
entre as nádegas
até o final da divisão
e, depois,
deveria subir
em direção à cabeça
acompanhando a linha da coluna
vértebra por vértebra
e a pele
chegar à nuca
rodear a cabeça,
(alí poderia seguir com o nariz
já que lambe o cabelo seria
incômodo e pouco umido)
e depois passar pela testa
o nariz,
e demorar nos lábios
queixo
glote
e osso do peito
centro do estômago
barriga
até chegar à origem e recomeçar
em looping
aquela cerimônia
de corte transversal preciso

Se for sair, use máscaras.

gavetas empuleiradas que rangem
o barulho da escolva de dentes no dente
som da geladeira velha
imã do disk pizza
suar dormindo perto

Ilusão nº7. carta em branco

(No espaço: um copo grande com leite. Como se fosse um vaso. Um projetor de slide. Uma janela de casa de ferro, com grade. Torneiras e uma goteria. Um par de sapatos.)

Pessoas precisam, não se sabe bem porque, de outras pessoas. Poucas decidem viver sozinhas, digo, sozinhas mesmo, em algum lugar fisicamente distinto, isolado. Fisicamente desejamos boca, agrados, alimento... (mesmo que por tempo curto e determinado). Algo bastante mamífero.

Tire a sua mão de mim garoto. Pediu uma senhora na calçada.

Mais tarde recomenda-se que não se ingira leite em demasia e pratique exercícios físicos regularmente. Na cidade conseguimos o alimento no supermercado e embalamos tudo em sacos plásticos infinitos. A atendente do caixa despede-se dizendo: tenha um bom dia. Come-se uma refeição em 10 minutos ou passa-se dias sem comer.

É melhor parar e pedirmos uma cerveja. Venha me ver mais tarde, prometo. Entre as roupas sujas lá está alguma que vc esqueceu outro dia (slide). Ah! Não é sua. Desculpe, me confundi. Mas olha, entre, fique a vontade e se quiser tomar um banho: a torneira da esquerda é a fria.

E retorno ao desaparego. Preciso deixar de lado essa vontade específica. Preciso também pagar as contas na data certa para não ter que enfrentar a fila do banco e, por último, deixar para trás essa voz arrastada que de maneira recorrente me leva a comunicar com você.

Debaixo da cama.

Encontrei! Algum movimento suspeito. Você deve saber o motivo mas fica aí. Sentado, olha para o teto vazio da sala. Ainda se existisse um lustre com brilhos para te entreter... Talvez você se interesse pelas pequenas manchas de mofo...

Me ocupo com você.

(5hs da manhã e nada. Acho que será difícil continuar este trabalho. Não tem o mínimo de organização. Veja, estamos debruçados sobre o assunto há tempos e nada de se chegar em algum lugar, nada de precisão, tudo parece relativo, lascivo, opaco, desnecessário).

O sofá de sua mãe.

E o meu vestido listrado descia tátil pelo peito. Insisto no leite e na boca. E se a gente convidasse mais alguém? Mas quem? Conheço alguém. O telefone não atende... e não toca. Então vamos ficar só nós mesmo. Vou pegar algo para beber.

Eu e você. Parceria para estar bem diante de toda a crueldade que se apresenta diante e atrás de nossos olhos. Na minha casa tem palmeiras onde canta o sabiá. Urubus e cegonhas brotam da minha boca. Muitos, num mesmo bando, numa revoadada.

Devo te dizer que na semana que vem tenho uma consulta para ver se está tudo bem, se meus devaneios são "normais".

A carta.

Entre, agora te peço que de qualquer maneira primeiro tome um banho antes de deitar na cama. A rua é um lugar cheio de informações, vírus, bactérias e narrativas.

O lençol verde claro, a luz difusa, o corpo acamado. Vivemos. As imagens múltiplas de deformidades, de desigualdades, de doenças. A cidade doente e a receita do médico, dentro do envelope, sem nada escrito.

Imagens rodam em órbitas escandalosas: ao redor da terra (sim, ela é redonda - como dói ter que dizer isso), e dentro da terra, e para a terra. Para onde vamos?

Continuamos procriando, infinitamente. No que acreditamos? E a vida segue. Dois dias depois da partida ou a contagem de um instante, as medidas relativas ao corpo, a maneira que vivemos, no planeta, neste momento. Agora, agora. A ansiedade. Criativa? nos faz passar por cima do tempo e o tempo que vai para todos os lados. Escorre.

Agora: leve a ponta do dedo indicador direito na pápebra inferior de seu olho esquerdo (sim, faça isso agora). Suavemente abaixe-a. Aproxime-se da pessoa ao seu lado (não tem? aguarde) e peça par aque ela assopre dentro do seu olho. Olhe ao redor e junto.

E não esqueça da carta.

bala perdita

bala perdita?

Lágrima seca

Desbote o meu vestido

Desbote o meu vestido

flores ainda vermelhas

Se a lágrima fosse oca

bolha

pequenos balões de gás hélio

o choro iria de baixo para cima

Mas há gravidade

queda

gota pula do décimo sexto andar

Levantamento de fotos
de imagens contadas por outros.

Uma cama

Uma cortina de renda

Uma criança mamando no peito

Um adulto mamando no peito

(insistências)

Uma doença

o resultado de um exame

Um livro

Uma pegada

Uma amiga

Uma toalha de banho

Uma de rosto

Um palito de fósforo

Olhares

familiares

Um vestido que não serve mais

A barriga que cresce

Uma carta sem remetente

Uma galinha

Uma risada gostosa

Um relógio de pulso

talvez segundos antes

E no dia em que você me encontrou na rua:

sim.

sim.

esse é o meu grande amor,
esse é meu filho.

(poema em forma de barco: leme)

Infiltração

Tenho sonhado que pessoas entram no meu sonho por uma porta. Só isso e de forma recorrente. Pessoas com as quais eu já estive nua, célula com célula. (Pra deixar claro, acender a luz do quarto ou abrir os olhos). Talvez o sonho seja a memória que se guarda dos micro movimentos feitos em duetos. Desejo de volta: rever, retocar, resentir? Micro percepções, micro reações, micro importâncias. No momento da intimidade, do encontro (a)efetivo, existe um deslocamento, transferência, de um corpo para o outro. Uma incorporação recíproca, a antropofagia dos nervos. Infiltração em campo de batalha.

Seria uma visita rápida

e conversaríamos do lado de fora